



TEXTOS DE
Angela Castelo Branco*

* Escritora e educadora, autora dos livros independentes *Orações*, *Oferenda* e *O que digo, o que me diz*. Desenvolveu a Bolsa de Criação Literária Funarte em 2011. Foi contemplada pelo ProAc 2011 de Publicação de Livros pela Secretaria Estadual de Cultura-SP e publicou *Epidermias* pela Dobra Editorial. Sua criação também transita por bordados, costuras e junção de tecidos improváveis. Escreve regularmente em seu blog.

www.angelacastelobranco.blogspot.com

os iluminados ao entrarem no clarão do azul dirão
aos peixes: eis a presença a nos servir. E pregarão as
cifras da experiência de um livro fechado. Mas, se
quase o corpo, escutar a cabra, ou o inteiro a berrar,

é o verbo, a volver o medo. Pois não há olho sem
lei.

E um feixe de alguém se anuncia, na entranha
polida

Cerca

Aberta

De começar



eu queria dizer que tudo o que é aberto tem um nome
as palavras que terminam em s;
os pés voltados para fora;
a caneta manchando a colcha. Aquele resto de vinho
eu queria escorrer aberto,
pelo nosso nome, pelo pão
para a terra onde o trigo não se detém
em nome do pão do aberto

pode-se
raspar com os dentes o verniz sob a mesa, comer os
pedaços da tinta, cavar a madeira com cuidado para
não entrar fiapos debaixo da unha, lambar o produto
que lustra a superfície

porém,

o olhar dos animais debaixo da mesa
jamais será servido ao jantar.

Tenho ouvido de mestres, padres e especialistas que só é possível o humano ser mais humano na história inventada.

Mas hoje eu não quero crer neste intento. Marquei um encontro com a aparição. Visito o tempo de braços dados com a garganta e seu rasgo. Os dentes nascem debaixo dos pés, a cultura lava as panelas e os vestidos sobem para alcançar os livros da estante. As ferramentas enferrujadas marcam o tecido fino

E, com a secreção do olhar, pode-se prender o fio da memória na carroça da frente.

Neste lugar, sou transcritora.